

As viúvas do Mosteiro de Santa Monica de Goa e a virtude cristã no Oriente (1606-1630)

Thaís da Silva Braga ¹; Margareth de Almeida Gonçalves ²

1. *Discente do Curso de História, ICHS/DHIST/UFRRJ, Bolsista de IC CNPq; Professora Associada II DHIST/PPHR/UFRRJ.*

Palavras-chave: Viúvas; Goa; Santa Monica; virtude; Oriente.

Introdução

Fundado em 1606, pelo então governador da Índia e arcebispo de Goa, frei Aleixo de Meneses (1595-1610), o Mosteiro de Santa Mônica de Goa *foi a primeira casa conventual de freiras do Índico*. (GONÇALVES, 2013) Regido por constituições e regras que prescreviam a conduta comportamental religiosa, o convento seria um promulgador do modelo de virtude a ser seguido pelas mulheres católicas do Oriente. A fama da casa conventual ultrapassou as fronteiras da capital da Índia, se estendendo por todo o Estado, atraindo religiosas viúvas e donzelas de outras partes do Oriente.

Muitas dessas viúvas ainda eram jovens quando se tornaram monjas. Abdicaram de bens materiais e da possibilidade de se casarem de novo para se tornarem esposas de Cristo. A partir de um estudo sistemático dessas viúvas, pretendemos analisar o lugar que ocupavam dentro da instituição religiosa, num período em que a conduta da mulher em estado de viuvez não estaria definida. Além disso, procuraremos compreender a organização hierárquica do mosteiro na extensão das acepções orgânicas de estratificação social, predominantes nos espaços luso-indianos do império de Portugal.

Metodologia

O recorte temporal que aplicaremos ao nosso trabalho compreende o ano de fundação do Mosteiro e se estende até 1630. A partir das informações encontradas no manuscrito "Apologia..." (SANTA ANNA, 1636), em *História da fundação do real Convento de Santa Monica de Goa* (SANTA MARIA, 1699) e nos tomos 1, 2 e 3 de *Os luso-descendentes da Índia portuguesa* (FORJAZ e NORONHA, 2003), construímos uma tabela com informações encontradas sobre essas religiosas. Definimos a escolha dessas três primeiras décadas devido ao considerável número de viúvas que, nesse período, professaram no Mosteiro. O recorte abrange o período de apresentação da primeira Constituição da instituição, em que frei Aleixo prescrevia as normas de conduta que definiam o ideal de uma religiosa perfeita. (VIGAS, 2012). Quanto ao recorte espacial, a pesquisa abrange a dispersa rede de possessões portuguesas no oriente a partir da então capital do Estado da Índia e local onde se localizava o Mosteiro, a cidade de Goa.

Como nossas fontes são de cunho religioso e foram escritas por religiosos, analisaremos as acepções morais que modelavam a virtude feminina. Utilizaremos também um conjunto documental de obras no formato de crônicas que obedecem a protocolos de escrita correntes no mundo português dos séculos XVII e XVIII, e a escrita apologética de Santa Anna, em defesa da casa conventual.¹ Pode-se notar que os manuscritos que utilizamos neste trabalho seguem os protocolos de argumentação e articulação linguística da oratória eclesiástica da segunda escolástica. Trata-se de uma pressuposição comum do orador de que há similitude entre os textos bíblicos e as verdades morais, religiosas, políticas ou ideológicas propostas pelo pregador ao ouvinte. (MENDES, 1978, p.38)

Resultado e discussão

1 Como bem explica Gonçalves, "Frei Diogo de Santa Anna [...] foi o pivô, na década de 1630, de um conflito deflagrado pelo Senado da Câmara de Goa contra o Mosteiro de Santa Mônica, [...] em que respondia pelas funções de administrador e confessor. A queixa dos vereadores do poder municipal goês [...] denunciava o agostinho e o mosteiro de freiras de isolar e concentrar as mulheres ricas do Estado da Índia, em época de carestia, agravada pelas contínuas perdas nas guerras que assolavam a parte oriental do império português." (GONÇALVES, 2013, p. 251)

Dentre as religiosas, havia as que pertenciam ao mesmo núcleo de parentesco, como é o caso da fundadora do Mosteiro, Soror Felipa da Trindade (?-1626) e sua filha, Soror Maria do Espírito Santo e o caso de Ana Maria de Almeida que, após a morte de seu marido, “se meteu a freira em Santa Monica de Goa, com as três filhas, Mariana, Paula e Elena.” (FORJAZ e NORONHA, p.80) Era um costume entre as famílias encaminhar as “filhas excedentes” às instituições religiosas, para dedicarem-se a reclusão espiritual. Esses casos especiais chamam a atenção para a análise da casa conventual como uma extensão das instituições familiares e manutenção de suas virtudes.

Segundo Maria de Lurdes Fernandes, enquanto havia um modelo cristão de comportamento de mulheres casadas - baseado em virtudes consideradas fundamentais, como submissão ao marido, dedicação a casa e aos filhos - para as viúvas, não existia um modelo comportamental único. A 1ª Epístola a Timóteo de São Paulo afirma que, as verdadeiras viúvas permaneciam neste estado, debruçando todas as suas esperanças em Deus, mantendo suas virtudes cristãs em busca da perfeição espiritual. (FERNANDES, 1999, p.53) A partir desse modelo de viúva ideal, podemos observar uma exaltação da figura de D. Felipa como mulher virtuosa e caridosa que abdicou de bens materiais e possibilidade de casar-se novamente para dedicar-se à vida espiritual como esposa de Cristo.

Conclusão

As viúvas, assim como as demais monjas, representaram o modelo de virtude cristã propagado pelo Mosteiro de Santa Monica. A partir das informações encontradas nas fontes anteriormente citadas, dentre as cento e cinquenta mulheres que professaram no Mosteiro entre 1606 e 1630, concluímos que cerca de seis eram viúvas – três delas só no ano posterior a fundação, em 1607 -.

Essas mulheres que se dedicaram à vida espiritual consideraram a instituição religiosa como uma forma de manutenção de um modelo de santidade associado ao feminino e perpetuação das tradições religiosas do cristianismo acerca da mulher.

Referências Bibliográficas

- FERNANDES, Maria de Lurdes Correia. Viúvas ideais, viúvas reais. Modelos comportamentais e solidão feminina (séculos XVI e XVII). In: Faces de Eva: Estudos sobre a mulher. Lisboa. n.1 e 2, 1999, p.54.
- SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. História da Fundação do Real Convento de Santa Mônica da Cidade de Goa, Corte do Estado da Índia, e do Império Lusitano do Oriente. Lisboa, 1699.
- GONÇALVES, Margareth de Almeida. Império da Fé: andarilhas da alma na era barroca. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- GONÇALVES, Margareth de A. Gloria de Deus, ao serviço do Rei e ao bem desta Republica: freiras de Santa Mônica de Goa e a cristandade no oriente pela escrita do agostinho frei Diogo de Santa Anna na década de 1630. História (São Paulo), v.32, n.1, 2013, pp. 251-280.
- MENDES, Margarida Vieira. Sermão de Santo António (aos peixes) e Sermão da Sexagésima de Padre António Vieira. Lisboa: Seara Nova, 1978. [Textos literários, apresentação crítica, seleção, notas e sugestões para análise literária.]
- MONIZ, A.F. Relação completa das religiosas do mosteiro de Santa Monica de Goa. Revista da Comissão Arqueológicas da Índia Portuguesa. v.15, 1918, 57 pgs. Disponível em: <<http://memoria-africa.ua.pt/Library/ShowImage.aspx?q=/OP/OP-V15-N07-N08&p=23#>>
- OLIVEIRA, Rozely Menezes Vigas. No Vale dos Lírios: Convento de Santa Mônica de Goa e o modelo feminino de virtude para o Oriente (1606-1636). . Dissertação (Mestrado em História Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores. 2012.